



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE
BACHARELADO EM ENFERMAGEM

JOYCE MAGALHÃES LOPES

**A MUSICALIZAÇÃO ENQUANTO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NA
ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: REVISÃO NARRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado em forma de artigo como
requisito a formação no Bacharelado em
Enfermagem no UNICEUB, sob orientação
do Professor Eduardo Cyrino de Oliveira
Filho

BRASÍLIA
2020

Agradeço a Deus, ao criador de todas as coisas, por Ele fomos criados e a partir dEle podemos ecoar a mais bela canção, a Ele todo o meu amor e tudo o que há em mim, ao mais zeloso e fundador de cada nota e melodia,
por Ele isso tudo foi possível, meu coração é Teu pra sempre.

Ao meu orientador, por todo esclarecimento e tranquilidade ao ensinar.
À minha família, aos meus pais que sempre me apoiaram e acreditaram nos meus sonhos, me mostrando dia após dia que eu seria capaz, eles dedicaram tudo para que eu pudesse ter o melhor ensino e estabeleceram toda minha estrutura para fazer o que amo (servir), eles abdicaram e investiram muito para que eu estivesse aqui hoje, no fim de mais um processo.
E ao José, meu melhor amigo e futuro marido, agradeço por todo amor e por ser minha maior inspiração e referência em cada área da música.

A MUSICALIZAÇÃO ENQUANTO FERRAMENTA TERAPÊUTICA NA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM: REVISÃO NARRATIVA

Joyce Magalhães Lopes¹
Eduardo Cyrino Oliveira-Filho²

Resumo:

A musicoterapia é utilizada desde os primórdios da humanidade e era valorizada pelas primeiras civilizações, sendo capaz de estimular o corpo de tal forma que pode alterar a pressão arterial, os batimentos cardíacos e minimizar a algia. Assim, realizou-se a verificação científica do quanto a música seria eficaz na redução da dor, no estímulo do bem-estar e nas alterações fisiológicas e emocionais do indivíduo, através de uma revisão narrativa de literatura, visando estabelecer e fomentar a possibilidade e eficácia da utilização da música pelo enfermeiro. Os pontos discutidos foram: a) o uso da música como ferramenta terapêutica; b) a musicoterapia e a enfermagem; c) casos onde a música foi utilizada como terapia. Conclui-se que a musicoterapia pode e deve ser empregada pela enfermagem com o intuito de minimizar a dor, auxiliar no desenvolvimento da expressividade corporal, melhora dos sintomas depressivos, cognição e aumento do som vocal.

Palavras-chave: enfermagem e a música; musicoterapia na saúde; cuidados de enfermagem; ferramenta terapêutica; combate a dor; musicoterapia hospitalar, efeito da música no corpo.

MUSICALIZATION AS A THERAPEUTIC TOOL IN NURSING CARE: NARRATIVE REVIEW

Abstract:

Music therapy has been used since the dawn of humanity and was valued by the first civilizations, being able to stimulate the body in such a way that it can alter blood pressure, heart rate and minimize pain. Thus, it was carried out a scientific verification of how effective music would be in reducing pain, stimulating well-being and in the individual's physiological and emotional changes, through a narrative literature review, aiming to establish and foster the possibility and effectiveness the use of music by nurses. The points discussed were: a) the use of music as a therapeutic tool; b) music therapy and nursing; c) cases where music was used as therapy. It is concluded that music therapy can and should be used by nursing in order to minimize pain, assist in the development of body expressiveness, improvement of depressive symptoms, cognition and increased vocal sound.

Keywords: nursing and music; music therapy in health; nursing care; therapeutic tool; fights pain; hospital music therapy, effect of music on the body.

¹ Acadêmica de Enfermagem do UniCEUB

² Professor do UniCEUB

1. INTRODUÇÃO

A música é um recurso utilizado desde as mais antigas civilizações, mais variadas culturas, festas e rituais, caracterizada por ser uma linguagem universal, capaz de atingir a todos, por sua variabilidade e capacidade de produzir sentimentos e sensações. Com a observação de dados antropométricos, percebeu-se que as primeiras músicas eram empregues em rituais como o nascimento, a morte, para a cura de doenças, conforme o desenvolvimento da sociedade na realeza do antigo Egito e pra louvores a líderes na Suméria (BRÉSCIA, 2003).

A formação da música se dá a partir do ritmo, responsável pelo movimento corporal, a melodia que está diretamente relacionada à afetividade e a harmonia relativa à ordem mental (WEIGEL, 1988).

A musicoterapia utilizada como tratamento em pacientes pode ser utilizada com o intuito de relaxar, trazer alegria ou lembranças específicas. Vale ressaltar que se o paciente tiver estranheza à música utilizada, ao invés de ajudar no tratamento, a música poderá atrapalhar se utilizada de forma errônea, não existe um padrão, mas o paciente precisa ter uma certa conexão com a música. O papel do enfermeiro é avaliar qual o momento mais apropriado dentro do tratamento para a aplicação da música, avaliando seus efeitos, principalmente por ser o profissional que estará mais próximo e acompanhando a evolução do paciente (GONÇALEZ; NOGUEIRA; PUGGINA, 2008).

A música lenta produz efeitos de relaxamento no organismo, reduzindo a frequência cardíaca e a pressão arterial. Ao estudar o ato de utilizar a música antes de procedimentos invasivos como a endoscopia digestiva alta ou em pacientes em hemodiálise, nota-se a diminuição da ansiedade e da dor. Também se pode observar essa utilização em pacientes com cuidados paliativos, pacientes com depressão e psiquiátricos, apresentam bons resultados na diminuição da ansiedade (JUNIOR et al., 2012).

A terapia musical é entendida como uma ferramenta assistencial, que gera alterações psicológicas e fisiológicas. Ainda é uma ferramenta pouco utilizada na prática, contudo é capaz de estabelecer atividades cerebrais em diferentes áreas do cérebro, podendo ser implementada como auxílio terapêutico, denominada como método de humanização por ser uma prática não farmacológica que traz alívio da sobrecarga emocional no pacientes, em familiares e até mesmo nos profissionais envolvidos (SILVA et al., 2020). A musicalização

na enfermagem atua como intervenção complementar ao tratamento, com o intuito de gerar a redução da dor, do distúrbio do sono, isolamento social, estresse e desesperança (SILVA; GOMES, 2017).

Nesse contexto o objetivo desse trabalho é descrever e demonstrar a significância da música como um cuidado de enfermagem, indicando a relevância e praticidade de sua utilização.

2. METODOLOGIA

O presente estudo tem como metodologia a revisão narrativa da literatura. Segundo Rother (2007), a revisão narrativa tem por objetivo descrever e discutir o tema em questão por meio da visão teórica ou contextual, sendo um tipo de artigo de revisão muito procurado, pois é capaz de renovar o conhecimento da temática abordada intensificando o conhecimento para o leitor em um rápido espaço de tempo.

Desse modo, foi analisada a literatura publicada ao longo de 20 anos que apresentou a aplicabilidade da musicalização em pacientes enquanto ferramenta terapêutica.

Para conseguir os elementos de construção dessa revisão as informações foram coletadas por meio de busca de artigos científicos referentes a musicalização e sua aplicabilidade no desenvolvimento do combate a dor. As referências foram coletadas por meio de pesquisa nas bases bibliográficas do Scientific Electronic Library Online (SCIELO), do Google acadêmico e em livros de Enfermagem.

Foram utilizados enquanto palavras-chave para a busca: "Enfermagem" AND "Musicoterapia", "Saúde" AND "Ferramenta Terapêutica", "Hospitalar" AND "Efeitos da Música", tanto no idioma português como espanhol, abrangendo o período de publicação entre 2000 e 2020, contendo ainda alguns artigos anteriores a esse período por serem importantes para fundamentar o tema em estudo.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 O uso da música como ferramenta terapêutica

A música é utilizada desde a pré-história, inicialmente vista como uma excelente forma de comunicação, passou a ser utilizada também em rituais e momentos de angústia e dor. Pode-se observar, através de documentos médicos egípcios e através da Bíblia que a musicoterapia era utilizada por Davi para curar o rei Saul de ataques depressivos e de fúria. Já por volta do século VII já existia escola de música para mulheres, por entenderem o quando a música era capaz de beneficiar o ser humano (OLIVEIRA; GOMES, 2014).

Por volta do século XX, a música era comumente utilizada para fins terapêuticos promovendo aumento da autoestima e principalmente quando utilizada em pacientes com déficits mentais ou motores, com síndromes genéticas, esquizofrenia, depressão, e obteve-se resultados positivos independentemente da idade do paciente, por ser um meio de tratamento de fácil acesso e que faz parte da vida diária. Um método constituído por melodia que é responsável por trazer emoção, o ritmo impacta os movimentos corporais e gera maior resistência muscular, por exemplo, durante a prática de atividade física e a harmonia que é diretamente ligada ao intelecto. A música tem sua especificidade que atinge o indivíduo em nível neurológico, psicoemocional, psicológico e fisiológico (CERDEIRA; VARELA; ARANHA, 2017).

A musicoterapia pode influenciar e diminuir o uso de farmacoterápicos. Os receptores de dor são responsáveis por enviar os sinais de dor para o cérebro, dessa forma a música pode atuar no bloqueio da transmissão da dor. A musicoterapia tem sido utilizada como tratamento da dor recorrente ou até mesmo a dor crônica, podendo ser empregada a técnica da forma interativa ou passiva. A passiva se caracteriza pelo ato de ouvir a música que já foi gravada anteriormente, já a integrativa é feita com o terapeuta e o paciente cantando ou tocando a música. Ambas as técnicas são utilizadas visando a melhora significativa do humor, reduzindo a dor e trazendo distração e relaxamento do paciente em questão (AREIAS, 2016).

Os efeitos psicológicos e fisiológicos com a aplicação da música incluem alterações na pressão arterial, frequência respiratória, batimentos cardíacos, redução da dor, relaxamento dos músculos, secreção de endorfina e outros hormônios. Autores afirmam que a música também age produzindo carga afetiva, pois gera prazer, produzindo efeitos ansiolíticos justificados por gerar recompensa e resposta de reforço positivo tendo efeito nas vias mesolímbicas dopaminérgicas no cérebro (FIRMEZA et al., 2017).

No desempenho físico da criança diagnosticada com autismo, a música é eficiente no aumento da percepção, controle motor e na audição, pois o som mobiliza grande parte das

regiões cerebrais, como por exemplo, o córtex visual, motor, sensorial e pré-frontal, o hipocampo e o núcleo acumbente, o ritmo auxilia no equilíbrio do Sistema Nervoso. A expressão da música no ser humano alivia as tensões do corpo e pode atuar beneficiando a descarga emocional. A atividade musical em crianças faz com que elas desenvolvam habilidades motoras, agilidade e um maior controle sobre seus músculos (ARAÚJO; SOLIDADE; LEITE, 2018).

A música é capaz de gerar efeitos significativos no corpo humano, efeitos sociais, físicos e emocionais, que influenciam no aumento da autoestima e gera um maior desenvolvimento no ato de socializar. A música pode ser um meio de tratamento até mesmo em doenças crônicas (SOUZA et al., 2016). No estudo de Côrte e Lodovici (2009), notou-se que a música influenciou no tratamento de idosos com acinesia unilateral, pois ao ouvir músicas verificou-se a obtenção de resposta corporal ao movimento.

A audição pode induzir emoções por meio de seis mecanismos distintos, dentre eles o reflexo cerebral, responsável por gerar excitação ou relaxamento e prazer ou desprazer; o chamado condicionamento avaliativo, que é a música juntamente com outros estimulantes; existe também o contágio emocional, que é diretamente ligado às imagens produzidas na mente no decorrer da música, a criatividade e composição; a memória episódica quando vem a recordação afetiva de momentos especiais, já a expectativa musical está relacionada ao individualismo que cada música proporciona (LOPES, 2016).

Usada para fins terapêuticos, a musicoterapia possui extrema relevância por ser um dos métodos mais baratos, de fácil acessibilidade e que não apresenta efeitos colaterais, isso faz com que o paciente esteja mais aberto ao relacionamento com o profissional, criando um maior vínculo, gera benefícios em pacientes hipertensos reduzindo níveis pressóricos, influência na diminuição da ansiedade e do estresse, sendo capaz de liberar hormônios como a adrenalina, responsável por produzir sensação de bem-estar (MEDEIROS, 2016).

A música é considerada uma excelente forma de terapia, pois pode ser utilizada para o auxílio de várias doenças e, além disso, é de fácil acesso e não possui efeitos colaterais. É uma intervenção que tem como um de seus propósitos reduzir a ansiedade do paciente, sendo recomendada pela *Nursing Interventions Classification* (NIC), e é definida pelo "uso da música para ajudar a alcançar uma mudança específica de comportamento, sentimento ou fisiologia" (FIRMEZA et al., 2017).

O som como terapia age na redução dos batimentos cardíacos, pois afeta o sistema nervoso, melhora a dor no pós operatório de uma cirurgia e influencia positivamente pacientes que tiveram infarto agudo do miocárdio, estudos já comprovaram a eficácia da música após cirurgia abdominal pois promove o relaxamento muscular gerando o alívio da dor local. O ato de cantar alegremente e expressivamente gera a produção de endorfina melhorando o humor e a diminuição da tensão, pois age diretamente no estado emocional do indivíduo, através das vibrações que a própria música produz (RODRIGUES; ISAAC, 2016).

O efeito do som, utilizado como um instrumento de saúde a partir da musicoterapia ultrapassa o efeito de apenas tranquilizar o paciente, essa opção de tratamento pode fortalecer emocionalmente o indivíduo, a música é utilizada por sua abrangência, com o objetivo de reabilitar fisicamente, socialmente e mentalmente, tratando alterações na audição e na fala, recuperando pacientes convalescentes que tiveram acidente vascular encefálico e auxiliando no aprendizado em crianças com déficit de aprendizagem (RAMALHO; RAMALHO, 2017).

A terapia ainda é um pouco desvalorizada, por estar não apenas relacionada a ciência, mas a arte também. A musicoterapia demonstra a interação da música com o indivíduo e que efeitos isso pode gerar, tanto emocionais e intelectuais, quanto espiritualmente e fisicamente. A realização da intervenção através da arte pode ser feita tanto individualmente quanto em grupo, portanto, a música no ambiente hospitalar traz um maior conforto ao paciente enfermo e seu acompanhante, pois cria uma atmosfera de confiança e humanização (SOUZA; SANTOS; FERREIRA, 2018).

A atividade musical pode ser aplicada em adultos e crianças independentemente da idade, pois cria um ambiente de alegria e tranquilidade, gerando sensações auditivas que podem ofuscar a dor. Durante a terapia há produção de substâncias que agem nos neurônios responsáveis pela dor, como a endorfina e substâncias opiáceas naturais, diminuindo a intensidade da dor. A música é capaz de gerar mudanças na fisiologia do Sistema Nervoso Central, melhorando a resposta imune, estabelecendo a melhora da aceitação alimentar e diminuindo a veemência das catecolaminas, reduzindo a pressão arterial (OLIVEIRA; CARDOSO, 2014).

Em maio de 2006, o Ministério da Saúde, em acordo com a diretriz da (OMS) Organização Mundial de Saúde, aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e

Complementares no (SUS) Sistema Único de Saúde. O acordo legitimou o oferecimento de práticas como a musicoterapia, como um processo que auxilia na promoção da saúde, comunicação, mobilização e aprendizagem, influenciando dessa maneira os aspectos emocionais, físicos, sociais e mentais (BRASIL, 2006).

3.2 A musicoterapia e a enfermagem

A partir de Florence Nightingale, no ano de 1859, a música foi pensada e utilizada juntamente com os cuidados de saúde. Na época da Primeira e Segunda Guerras Mundiais, vendo os resultados a terapia se intensificou nos hospitais na época, utilizando a música como um dos recursos para o alívio da algia tanto emocional quanto física nos soldados que estavam na guerra, a enfermagem teve papel influenciador para a expansão do processo da musicoterapia nos Estados Unidos da América (GONÇALEZ; NOGUEIRA; PUGGINA, 2008).

A palavra terapia extraída do grego, foi definida como o estudo científico que utiliza os melhores meios para a diminuição da dor ou a cura de enfermos, definiu também a enfermagem com o ofício do cuidar (FERREIRA, 1983). Também se referiram à enfermagem como ciência e arte andando conjuntamente, pois se baseia na união do entendimento teórico e prático constatados; e a arte por trazer inovação, imaginação e gerar habilidades e outras diversas possibilidades atuando com a ciência na execução da prática assistencial (CARRARO, 1997).

O objetivo da música como terapia na saúde, mais especificamente na área de atuação da enfermagem de forma universal, traz a consciência e o olhar para o ser humano como "totalidade indivisível e única". O indivíduo não se baseia em corpo, mente, alma, matéria ou espírito, e sim na junção de tudo isso, se fundamenta no todo, e a musicoterapia é capaz de alcançar a totalidade do indivíduo (BENENZON, 1988).

Tem sido comprovado que a música é benéfica para a saúde humana, e a enfermagem exerce um papel importante para que a compreensão dos efeitos que a música pode gerar seja efetiva, pois essas intervenções estão diretamente relacionadas aos sentimentos e as emoções. Foi comprovado através de estudos que a musicoterapia auxilia na memória em idosos e é capaz de produzir conforto, segurança, relaxamento de musculatura e a diminuição da dor e da ansiedade (LOPES, 2016).

O enfermeiro dentro da área de saúde mental pode utilizar a música como meio de tratamento ao paciente, para criar vínculo, relaxamento e para trazer à memória lembranças do passado. O enfermeiro pode fazer a avaliação de quando utilizar a terapia, avaliando seus efeitos, pois caso escolha uma música que o paciente não se sinta confortável isso pode afetar a forma dele lidar com o tratamento (RAMALHO; RAMALHO, 2017).

A musicoterapia pode ser aplicada como intervenção em pacientes com diagnósticos de enfermagem pelo NANDA importantes, como: dor aguda, dor crônica, sofrimento espiritual, ansiedade, desesperança e tristeza crônica. Objetiva-se a melhora desse paciente com resultados mediante intervenções, como: controle da dor, estado de conforto psicoespiritual, saúde espiritual, autocontrole da ansiedade, enfrentamento e o bem-estar pessoal (SILVA et al., 2019).

A enfermagem é relacionada ao ato de cuidar do paciente e o profissional deve ter responsabilidade, sensibilidade e empatia, através de condutas que beneficiem as necessidades humanas básicas, gerando o bem estar emocional, psicológico, físico e social (SOUZA; SANTOS; FERREIRA, 2018).

Juntamente com a tecnologia da música, a enfermagem é canalizada ao cuidado mais expressivo e direcionado ao cliente. Com a utilização da musicoterapia à pessoa hospitalizada observou-se a potencialização do conforto, além de um maior compartilhamento de aprendizado e conhecimento, houve uma comunicação mais assertiva entre a equipe multiprofissional e os clientes proporcionando, sobretudo a humanização no ambiente hospitalar (BERGOLD; ALVIM, 2009).

A Classificação de Intervenções de Enfermagem (NIC) define a musicoterapia como, a utilização da música visando uma mudança significativa dos sentimentos, da fisiologia e do comportamento. Para isso é necessário compreender qual o tipo de interesse que o indivíduo tem pela música e quais são suas preferências, explicar o intuito da terapia e observar os estímulos recebidos por ele, como o relaxamento e a diminuição da algia e propiciar um ambiente seguro e calmo durante a musicoterapia, com o mínimo de interrupções ou estímulos externos (BULECHEK; BUTCHER; DOCHTERMAN, 2016).

Consta no COFEN, Resolução N° 311/2007, na seção I, das Art. 12, 13 e 14, como responsabilidade e dever do enfermeiro o auxílio livre de imprudência, negligência, imperícia, caracterizando um atendimento adequado a família e a coletividade. A própria

avaliação criteriosa de sua aptidão ética, legal, cultural, técnica e científica, assegurando a proteção do outro e de si de acordo com a profissão.

De acordo com a Resolução COFEN N° 581/2018 - alterada pela resolução COFEN 625/2020, a especialidade do enfermeiro por área de abrangência pela Lei n° 5.905, de 12 de julho de 1973, aprovada pela Resolução COFEN n°421 de 15 de fevereiro de 2012, considerando tudo que consta no processo administrativo COFEN n° 851/2014, estabelece-se a aplicabilidade da musicoterapia através da enfermagem como prática integrativa e complementar.

De acordo com o parecer CAT N° 025 no COREN-SP (2010), a música aplicada na enfermagem é um recurso complementar do cuidado, com o objetivo de restaurar holisticamente o paciente, favorecendo a comunicação, promovendo o seu bem-estar e ampliando o seu conhecimento sobre o processamento de saúde e doença, podendo ser empregue de forma complementar no alívio da dor, distúrbio do sono, estresse e risco de solidão. Só poderá ser denominado como musicoterapeuta o enfermeiro que possuir formação específica na área, mas o enfermeiro pode utilizar o método da musicoterapia desde que tenha o entendimento sobre sua aplicação e benefícios.

3.3 Casos onde a música foi utilizada como terapia.

3.3.1 Musicoterapia em pacientes com parkinson e acidente vascular encefálico

A musicoterapia tem dado resultados positivos frente às alterações neurológicas. Foi realizada uma pesquisa quantitativa com nove idosos institucionalizados em Portugal, entre 69 e 92 anos, com doenças neurológicas, como o acidente vascular encefálico ou doença de parkinson. Os participantes foram avaliados semanalmente e através do Mini Exame do Estado Mental (MMSE), Escala de Ansiedade e Depressão Clínica (HANDS) e o Teste de Marcha dos 10 Metros (10MWT). Ao final da intervenção observou-se significativa melhora na cognição, progresso da postura relacionada à função motora, desenvolvimento na expressividade corporal e o aumento do som vocal. Notou-se que a maior resposta foi direcionada ao âmbito sensorial, motor e sócio emocional (OLIVEIRA, 2017).

Cordeiro e Piazzetta (2014), por meio de uma pesquisa quantitativa e qualitativa, observaram oito idosos, com idades entre 53 e 89 anos, com demência, doença de alzheimer,

alterações cardiovasculares ou neurológicas. Durante a pesquisa os participantes interagiram de forma ativa, foram convidados a cantar, realizar aquecimentos vocais e atividades de respiração, os mesmos tinham a cognição preservada e tinham alegria em cantar. Observou-se que a aplicação dos elementos vocais na terapia gerou ganhos principalmente no contexto social, os idosos se sentiram mais entusiasmados e interessados em todo o processo, influenciando diretamente na saúde e bem-estar.

3.3.2 Musicoterapia em pacientes com doença renal crônica

Foi realizada uma pesquisa, durante quatro semanas com 23 pacientes, com idade acima de 18 anos, que fazem tratamento de hemodiálise decorrente da doença renal crônica terminal, no hospital de Bauru, visando a melhoria dos sintomas depressivos que grande parte dos pacientes tem, através da musicoterapia. A pesquisa foi dividida em duas fases, primeiro na avaliação dos sintomas depressivos, logo após foi realizada uma entrevista individual durante a hemodiálise, com levantamento de dados clínicos e preenchimento de ficha clínica musicoterapêutica, para o conhecimento da história do paciente relacionada a música e para traçar os objetivos terapêuticos na condução sonora dos grupos, com voz e violão. Ao final das quatro semanas a avaliação geral dos resultados mostrou a diminuição dos sintomas depressivos e significativa melhoria na qualidade de vida, esse aspecto foi separado em: “dor (p=0,036), saúde mental (p=0,012), sintomas e problemas (p=0,01), capacidade funcional (p=0,011) e vitalidade (p=0,004)” (HAGEMANN; MARTIN; NEME, 2018).

3.3.3 Musicoterapia em pacientes com queimaduras

A abordagem da pesquisa foi mista, tanto quantitativa como qualitativa. Foi investigado o efeito da música na redução da algia com 14 pacientes vítimas de queimaduras, entre 18 a 55 anos de ambos os sexos. Os dados da pesquisa foram coletados em um hospital referência em Goiânia-GO. No procedimento foi utilizada a música através de voz e violão, onde os participantes podiam escolher qual seria o repertório na intervenção. Os dados foram coletados através de uma ficha musicoterapêutica e de depoimentos, aplicada em dois encontros, no primeiro com a avaliação e a intervenção da musicoterapia, no segundo encontro foi aplicada avaliação sem a intervenção musicoterapêutica, todos após a troca do curativo, pois é o momento onde a dor é eminente e emergente. A pesquisa foi realizada com

um grupo experimental em que foi utilizada a terapia e um grupo controle que não obteve intervenção da música. A resposta da música como forma de terapia foi bastante eficaz, pois houve significativa melhora na redução da algia, com percepção da diminuição da dor em 85,7% dos pacientes, em 50% dos casos observou-se uma redução completa da dor (100%), com melhora tanto emocionalmente quanto fisicamente (SILVA; ZANINI; DAHER, 2019).

3.3.4 Musicoterapia em pacientes com distúrbios na coordenação motora e mobilidade

Foi realizado um estudo de campo, quantitativo com 69 idosos que tem problemas leves de degeneração osteomuscular, com idades entre 65 e 90 anos, 23 eram homens e 46 mulheres, em Pontevedra - Espanha. Buscou-se através da pesquisa identificar se a musicoterapia era capaz de influenciar no desenvolvimento e melhora da coordenação, mobilidade, equilíbrio do idoso. Foram divididos em quatro grupos distintos, sendo eles, o grupo (A) sem intervenções, grupo (B) onde os idosos só jogavam cartas de baralho, grupo (C) em contato com a musicoterapia e o último grupo (D) que joga cartas e tem musicoterapia. O grupo (A) e (B) tiveram o pior desempenho, o grupo (D) demonstrou evolução cognitiva, funcional e no equilíbrio, mas com o fim do estudo percebeu-se que o grupo de melhor desempenho entre todos os demais foi o (C) onde tinha apenas a intervenção musical, que demonstrou o maior grau de desenvolvimento cognitivo, funcional e no equilíbrio e marcha (CONDE, 2015).

3.3.5 Musicoterapia em pacientes com sintomas depressivos

No estudo de Luz (2015), foi realizado um ensaio clínico controlado em uma instituição de longa permanência em Santa Catarina, com 48 idosos, sendo a maioria do sexo feminino, com idade superior a 60 anos e que tivessem o funcionamento cognitivo preservado, o intuito da pesquisa foi avaliar se a musicoterapia iria influenciar na saúde e bem-estar dos idosos. A pesquisa foi realizada através do Mini Exame de Estado Mental, Inventário de Ansiedade de Beck, Inventário de Depressão de Beck, e Questionário de Qualidade de Vida. Foi realizada a intervenção musicoterápica com 50% dos idosos, e com os demais foram aplicados apenas os questionários, sendo o grupo controle sem intervenção.

Notou-se ao final da intervenção, a melhora significativa do grupo que recebeu intervenção musicoterápica, diminuindo sintomas depressivos e na melhora da qualidade de vida.

Em uma pesquisa quantitativa, quase experimental em Santa Teresa de Carita - Espanha, foram avaliadas 7 mulheres com idades acima de 65 anos, que possuíam grau considerável de depressão. A musicoterapia foi utilizada através de participação e audição musical e por meio de jogos musicais, foi aplicado um questionário para avaliação do nível cognitivo e estado de ânimo através da escala de Yesavage (Escala de Depressão Geriátrica), que mede o estado depressivo fundamentado em 15 perguntas. A partir da aplicação do questionário pode-se notar que o estado de ânimo evoluiu significativamente, grande parte das pacientes que iniciaram com média de 10 pontos na escala, ao fim observou-se a pontuação de 4 na escala, ao fim da intervenção a depressão era considerada leve, e não com grau moderado ou alto como anteriormente (DÍAZ, 2015).

No estudo realizado em Cuba Sánchez e Juan (2006), realizaram entrevistas individuais com 60 idosos, com idades entre 60 e 83 anos, que tinham depressão. Foi avaliada a história clínica e aplicado o Inventário de Depressão de Beck, realizaram jogos e audições musicais. Pode-se observar ao fim do estudo que no grupo experimental, com 8 pacientes em depressão grave, ao final do estudo, após a aplicação da musicoterapia, 100% dos pacientes não apresentavam sinais de gravidade. No mesmo grupo, 12 pacientes com depressão considerada em nível moderado, também apresentaram melhora de sintomas e passaram a ser classificados em nível menor que a depressão moderada. Os pacientes do grupo controle que apenas tomaram os fármacos e não obtiveram a intervenção, no início do tratamento 25 pacientes estavam deprimidos e ao fim 19 permaneciam em estado grave. Conclui-se através do estudo que a música possui propriedades terapêuticas e é capaz de aliviar sintomas depressivos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A musicoterapia ainda no século XXI é pouco utilizada na prática, mesmo com seus inúmeros benefícios como: o alívio comprovado da dor, ausência de reações adversas, seu custo benefício, evolução da capacidade motora e intelectual, na prevenção de sintomas depressivos ou diminuição dos mesmos, além de ser um método não farmacológico, de fácil

acesso e prático podendo obter-se o hábito de realizar a musicoterapia todos os dias até mesmo como prevenção da tristeza, alívio do stress e da tensão do dia a dia.

Por meio dessa pesquisa foi possível identificar o quanto a musicoterapia é importante em diversos aspectos, pois gerou uma significativa melhora da qualidade de vida em todos os casos apresentados, mesmo sendo cada caso tão diferente um do outro, apresentou melhora na cognição, no bem-estar, diminuição dos sintomas depressivos, redução da dor em pacientes vítimas de queimaduras graves, melhora do desenvolvimento cognitivo, equilíbrio e marcha.

A música pode ser aplicada em casos como, pacientes com parkinson, AVE, doença renal crônica em tratamento de hemodiálise, vítimas de queimaduras e pacientes com sintomas depressivos, dessa forma sendo responsável por gerar sentimentos e sensações que atingem o corpo de forma emocional, neurológica, fisiológica e psicológica, gerando hormônios que nos trazem a sensação de bem-estar, influencia cada indivíduo de forma singular, por isso a variedade dos sons, melodias, harmonias e ritmo. O gênero musical precisa ser compatível, agradável à quem escutar pois isso irá determinar se ela irá gerar alegria e lembranças boas ou o contrário.

O profissional enfermeiro estará mais próximo ao paciente, sendo o responsável por descrever e verificar sua evolução, capaz de implementar prevenções e cuidados de enfermagem a partir de diagnósticos pré estabelecidos. A musicoterapia é uma intervenção de enfermagem regulamentada e padronizada pela NIC, portanto como as demais intervenções prováveis precisamos entender o porquê dessa intervenção, qual seria o motivo pelo qual ela realmente deve ser estabelecida para cada paciente, quando deve ser estabelecida e o que essa intervenção irá gerar no paciente.

REFERÊNCIAS

AREIAS, J.C. A música, a saúde e o bem estar. **Nascer e Crescer**, Porto Portugal., v.25, mar. 2016. Disponível em:

http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0872-07542016000100001

Acesso em: 11 jun. 2020.

ARAÚJO, N.A.; SOLIDADE, D.S.; LEITE, T.S.A. A musicoterapia no tratamento de crianças com autismo: revisão integrativa. **FACEMA-Faculdade de Ciências e Tecnologia do Maranhão**, Grajaú Maranhão, v. 4, n 2, p. 1102-1106, Abr./Jun. 2018. Disponível em:

<https://www.facema.edu.br/ojs/index.php/ReOnFacema/article/view/349/246> Acesso em: 11 jun. 2020.

BENENZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia: contribuição ao conhecimento do contexto não-verbal**. São Paulo: Summus, 1988.

BERGOLD, L.B.; ALVIM, N.A.T. A Música Terapêutica como uma Tecnologia Aplicada ao Cuidado e ao Ensino de Enfermagem. **Escola Anna Nery Revista Enfermagem**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 537-542, jul./set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v13n3/v13n3a12.pdf> Acesso em: 01 jun. 2020.

BRASIL. Portaria nº 971/GM/MS, de 3 de maio de 2006. Art. 1º, Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. **Diário Oficial da União**, Brasília, nº 84, de 4 de maio de 2006, Seção 1, p. 20. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2017/prt0849_28_03_2017.html Acesso em: 09 jun. 2020.

BRÉSCIA, V.L.P. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

BULECHEK G.M.; BUTCHER H.K.; DOCHTERMAN J.M. **Classificação das intervenções de enfermagem - NIC**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Elsevier; 2016.

CARRARO, T. E. **Enfermagem e assistência: resgatando Florence Nightingale**; 2.ed. Goiânia: AB, 1997.

CERDEIRA, D.Q.; VARELA, D.S.S.; ARANHA, V.L.O.M. Terapia com música em idosos do Sertão Central do Ceará. **Fisioterapia Brasil**, Fortaleza, 2017. v18, n1, p.19-28. Disponível em: <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/fisioterapiabrasil/article/view/751/1630> Acesso em: 17 jun. 2020.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução N 311/2007**. Rio de Janeiro. 08 de fevereiro de 2007. Disponível em: http://www.cofen-ro.org.br/resolucao-cofen-31107-aprova-a-reformulacao-do-codigo-de-etica-dos-profissionais-de-enfermagem_128.html Acesso em: 07 jul. 2020.

COFEN. Conselho Federal de Enfermagem. **Resolução N 0581/2018**. São Paulo. 19 de julho de 2018. Disponível em: http://www.cofen.gov.br/resolucao-cofen-no-581-2018_64383.html Acesso em: 27 jun. 2020.

CONDE, R.S.; Aplicación y valoración de un programa de intervención psicomotriz en Gerontología: efectividad de la Musicoterapia como herramienta terapéutica. **Universidade de Santiago de Compostela**, Santiago de Compostela - Espanha, p. 1-312, 2015. Disponível em: https://minerva.usc.es/xmlui/bitstream/handle/10347/14811/rep_1216.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 01 jun. 2020.

CORDEIRO, A.F.M.; PIAZZETTA, C.M. A aplicação de Elementos Vocais no Processo Musicoterapêutico de Idosos Institucionalizados. **Revista Brasileira de Musicoterapia**, Curitiba Paraná, v. 17, p. 17 - 38, 2014. Disponível em:

<http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/09/2-A-APLICA%C3%87%C3%83O-DE-ELEMENTOS-VOCAIS-NO-PROCESSO-MUSICOTERAP%C3%8AUTICO-DE-IDOSOS-INSTITUCIONALIZADOS-.pdf> Acesso em: 27 jun. 2020.

CÔRTE, B.; NETO, P.L. A musicoterapia na doença de Parkinson. **Ciência & Saúde Coletiva**, São Paulo, v. 14, n. 6, p. 2295-2304, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csc/v14n6/38.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2020.

COREN-SP. Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo. **Parecer CAT N 025/2010**. São Paulo. 14 de junho 2010. Disponível em: https://portal.coren-sp.gov.br/sites/default/files/parecer_coren_sp_2010_25.pdf Acesso em: 01 jun. 2020.

DÍAZ, G.V. Estudio sobre la eficacia de la intervención con Musicoterapia sobre personas con patología depresiva en una residencia de Ancianos. **Universidad de Zaragoza**, Saragoça-Espanha, p.1-28, 2015. Disponível em: <https://zaguan.unizar.es/record/47043/files/TAZ-TFM-2015-975.pdf> Acesso em: 20 jun. 2020.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio**. São Paulo: Nova Fronteira, 1983.

FIRMEZA, M.A. *et al.* Uso da música no controle da ansiedade em ambulatório de cabeça e pescoço: ensaio clínico randomizado. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, SP, v. vol.51, 27 mar. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/reeusp/v51/pt_1980-220X-reeusp-51-e03201.pdf Acesso em: 03 jun. 2020.

GAINZA, V.H. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1988.

GONÇALEZ, D.F.C.; NOGUEIRA, A.T.O.; PUGGINA, A.C.G. O Uso da Música na Assistência de Enfermagem no Brasil: Uma Revisão Bibliográfica. **Cogitare Enfermagem**, Jundiaí-São Paulo, v. 13, n. 4, p. 591-6, Out./Dez. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/13121> Acesso em: 05 jun. 2020.

HAGEMANN, P.M.S.; MARTIN, L.C.; NEME, C.M.B. O efeito da musicoterapia na qualidade de vida e nos sintomas de depressão de pacientes em hemodiálise. **Brazilian Journal of Nephrology**, São Paulo, v. 41, n. 1, p. 74-82, Set. 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/123948/000830429.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 20 jun. 2020.

JUNIOR, F.E.LP. *et al.* Influência da Música na Dor e na Ansiedade decorrentes de Cirurgia em Pacientes com Câncer de Mama. **Revista Brasileira de Cancerologia**, Rio Grande do Norte, p.135-141, 2012. Disponível em: https://rbc.inca.gov.br/site/arquivos/n_58/v02/pdf/03_artigo_influencia_musica_dor_ansiedade_decorrentes_cirurgia_pacientes_cancer_mama.pdf Acesso em: 17 jun. 2020.

LOPES, V.R.S. A influência da música nos sintomas de ansiedade e depressão em idosos institucionalizados. **Faculdade de Medicina de Marília**, Marília, São Paulo, p. 1-58, 2016.

Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-869192> Acesso em: 17 jun. 2020.

LUZ, L.T. Musicoterapia na Qualidade de Vida em Idosos Institucionalizados. **Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, p.1-110, 2015. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/6286/2/474469%20-%20Texto%20Completo.pdf> Acesso em: 20 jun. 2020.

MEDEIROS, J.S.S. **Música para Recurso Terapêutico em um Grupo de Convivência para Idosos**. 2016. 19f. Graduação em Enfermagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Santa Cruz Rio Grande do Norte, 2016. Disponível em: <https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/3308/1/M%c3%9aSICA%20COMO%20RECURSO%20TERAP%c3%8aUTICO%20EM%20UM%20GRUPO%20DE%20CONVI%c3%8aNCIA%20PARA%20IDOSOS.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2020.

OLIVEIRA, A.L.R. **A aplicação da musicoterapia na reabilitação neurológica do idoso institucionalizado**. Universidade Lusíada. Lisboa, p. 1-125, set. 2017. Disponível em: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/3793/1/mmt_ana_oliveira_dissertacao.pdf Acesso em: 15 jun. 2020.

OLIVEIRA, C.C.; GOMES, A. Breve História da Musicoterapia, Suas Conceptualizações e Práticas. **ATAS do XII Congresso da SPCE**, [S. l.], p. 574-564, set. 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/39982> Acesso em: 6 jul. 2020.

OLIVEIRA, L.N.; CARDOSO, C.P. **Cuidados de Enfermagem à Criança Hospitalizada: Efeitos da música como terapêutica complementar no cuidar em pediatria**. União Brasileira das Associações de Musicoterapia, São Paulo - Marília, n. 17, p. 39 - 55, 2014. Disponível em: <http://www.revistademusicoterapia.mus.br/wp-content/uploads/2016/09/3-CUIDADOS-DE-ENFERMAGEM-%C3%80-CRIAN%C3%87A-HOSPITALIZADA-EFEITOS-DA-M%C3%9ASICA-COMO-TERAP%C3%8AUTICA-COMPLEMENTAR-NO-CUIDAR-EM-PEDIATRIA.pdf> Acesso em: 15 jun. 2020.

RAMALHO, A.D.M.; RAMALHO, J.P.G.. A musicoterapia como recurso terapêutico para tratamento do paciente psiquiátrico. **Enfermagem Brasil**, João Pessoa-Pernambuco, v.16, n 4, p. 246-252, 2017. Disponível em: <https://portalatlanticaeditora.com.br/index.php/enfermagembrasil/article/view/1263/2397> Acesso em: 17 jun. 2020.

RODRIGUES, B.; ISAAC, R. A Influência da Música nos Métodos de Cura da Atualidade. **Integratio**, São Paulo SP, v. 2, n. 2, p. 61-64, ago. - dez. 2016. Disponível em: <https://studylibpt.com/doc/428992/51-145-1-sp---fmb-online---portal-da-faculdade-nazarena-do> Acesso em: 20 jun. 2020.

ROTHER, E.T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, São Paulo, v. 20, n 2, p. 1-3, Abr./Jun. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3070/307026613004.pdf> Acesso em: 03 jun. 2020.

SÁNCHEZ, R.O.; JUAN, T.F. Salud mental y envejecimiento: una experiencia comunitaria de musicoterapia con ancianos deprimidos. **Universidad Veracruzana**, Xalapa, México, v. 16, n. 001, p. 93-101, 2006. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/291/29116111.pdf> Acesso em: 13 jun. 2020.

SILVA, J.P.; ZANINI, C.R.Oliveira; DAHER, R.P. Efeitos da musicoterapia no cuidado de pacientes vítimas de queimaduras. **Revista Música Hodie**, Goiânia, v. 19, n. 51942, p. 1-18, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/musica/article/view/51942/33391> Acesso em: 13 jun. 2020.

SILVA, L.G.; GOMES, G.G. O Uso da Musicoterapia pela Enfermagem: uma Revisão de Literatura. **Anais da Mostra de Pesquisa em Ciência e Tecnologia**. Fortaleza-Ceará. 2017. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/mpct2017/45116-o-uso-da-musicoterapia-pela-enfermagem-uma-revisao-de-literatura/> Acesso em: 15 jun. 2020.

SILVA, V.A. *et al.* Características de cuidadores submetidos à musicoterapia após a morte de seus entes queridos. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v. 72, n. 6, p. 1-7, nov./dez. 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672019000601464&tlng=en Acesso em: 23 jun. 2020.

SOUZA, A.I.N. *et al.* A música pode ser um meio de tratamento até mesmo em doenças crônicas. **Anais do Congresso Nacional de Envelhecimento Humano**, Campina Grande - Paraíba, p. 1-6, 2016. Acesso em: 25 jun. 2020. Disponível em: <https://www.cneh.com.br/2016/>

SOUZA, S.A.; SANTOS, P.M.P.; FERREIRA, L.E.N. Musicoterapia como Instrumento de Conforto para o Paciente Oncológico: Revisão Integrativa de Literatura. **Revista Saúde**, São Paulo, v. 12, n. 3-4, p. 47-55, 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/CNOFFICE/Downloads/3596-12000-1-PB.pdf> Acesso em: 23 jun. 2020.

WEIGEL, A.M.G. **Brincando de Música**: Experiências com Sons, Ritmos, Música e Movimentos na Pré-Escola. Porto Alegre: Kuarup, 1988.